

O CRESCIMENTO DOS CASOS DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DESAFIOS E IMPACTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NA INCLUSÃO

Alexandra Garcia Cardoso¹

Lais Oliveira Vasconcelos²

Sabrina Fernandes Ramos³

Renata de Souza Ribeiro Paiva⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal analisar o notável aumento dos casos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em escala global e o impacto substancial que essa tendência tem no desenvolvimento e aprendizado das crianças. Além disso, exploraremos de que forma ocorre a inclusão dessas crianças no âmbito escolar, considerando os desafios e estratégias necessárias para garantir um ambiente educacional inclusivo e eficaz para todas as crianças, independentemente de suas diferenças. A análise se baseia em uma pesquisa bibliográfica atualizada que destaca as conquistas obtidas ao longo dos anos. Em um passado não muito distante, quando o conhecimento sobre esse transtorno era limitado, às pessoas autistas e suas famílias enfrentam inúmeros desafios, incluindo preconceito e a falta de amparo legal e tratamentos específicos. Atualmente, terapias especializadas desempenham um papel fundamental na oferta de suporte personalizado e contínuo, contribuindo para maximizar o potencial e a qualidade de vida das pessoas no espectro do autismo. O tratamento do autismo é abrangente e adaptado para atender às necessidades individuais de cada pessoa no espectro. Os diferentes níveis de autismo refletem o grau de impacto que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem na vida de uma pessoa. Estudos indicam que o TEA é mais comum em meninos do que em meninas. No contexto das políticas públicas, o foco está em garantir que as pessoas no espectro do autismo desfrutem plenamente de seus direitos e recebam o apoio necessário para uma vida digna.

Palavras-chave: TEA; Educação Especial; Políticas Públicas; Inclusão.

¹ Aluna da Rede de Ensino Doctum.

² Aluna da Rede de Ensino Doctum.

³ Aluna da Rede de Ensino Doctum.

⁴ Professora da Rede de Ensino Doctum. Orientadora deste trabalho.

1. INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade DOCTUM de Vitória tem como objetivo principal analisar o aumento dos casos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em todo o mundo e como a inclusão contribui para o desenvolvimento e aprendizado das crianças.

Aproveitamos nossas experiências durante o estágio para embasar nossa pesquisa com fatos e vivências pessoais. Nosso foco como estagiárias estava exclusivamente voltado para crianças no espectro do autismo. Isso nos permitiu observar de que maneira o aumento na presença dessas crianças nas escolas é significativo e como sua inclusão é essencial para que recebam o apoio adequado e possam desenvolver-se de forma produtiva.

A escolha do tema se deve ao fato de pertencermos à área de Educação Especial e à crescente observação do aumento no número de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). À medida que o diagnóstico de TEA se torna mais comum, surge a necessidade de compreender como a inclusão dessas crianças nas escolas regulares está sendo abordada. Diariamente, o número de casos de TEA aumenta, o que nos leva a questionar a preparação das escolas em relação ao acolhimento e atendimento apropriados a esses estudantes. Com essa pesquisa, buscamos compreender como as escolas regulares têm lidado com esse desafio crescente e o que pode ser feito para aprimorar a inclusão de crianças com TEA no ambiente educacional.

Nos últimos cinco anos, foi observado um aumento significativo no número de casos de autismo no Brasil. Nesta análise, exploraremos as estatísticas mais recentes, compreenderemos o impacto do autismo na sociedade e nas famílias. Discutiremos os desafios enfrentados pelas pessoas com autismo e a importância da conscientização e de políticas públicas adequadas.

É óbvio que cada vez mais distúrbios do espectro do autismo estão sendo relatados em todo o mundo. No entanto, há controvérsia na ciência sobre os

motivos. Uma maior consciencialização, melhores procedimentos de diagnóstico e definições mais precisas serão provavelmente os principais responsáveis pelo aumento dos números.

O TEA era mais provável de ocorrer em meninos do que em meninas e afetava todas as etnias. Quanto maior a renda dos pais, maior a probabilidade de as crianças serem diagnosticadas com TEA sem comprometimento cognitivo. Em contraste, as crianças autistas com deficiências cognitivas tinham maior probabilidade de viver em comunidades pobres e desfavorecidas.

Os transtornos do espectro do autismo se desenvolvem na primeira infância e afetam a interação social, a comunicação e alguns padrões comportamentais. Existem diferentes formas e graus de gravidade. O que é comum são os transtornos do espectro do autismo não estão claramente descritos globalmente. De acordo com o CDC dos EUA, a prevalência nos EUA em 2018 foi de 23 por 1.000 crianças (um caso por 44 crianças). Em 2000 a taxa era de 6,7 [II].

Nossa pesquisa visa destacar a importância das políticas públicas para fortalecer a inclusão eficaz dessas crianças nos ambientes educacionais regulares. Queremos ressaltar como a implementação adequada dessas políticas pode fazer uma diferença poderosa na vida dessas crianças.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Nos dias de hoje, a discussão sobre a inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar é um tema amplamente debatido. Diante dos desafios significativos que essas crianças enfrentam enquanto estão inseridas nesse meio, torna-se imperativo que as escolas abordem a diversidade e criem intervenções adequadas. O objetivo é assegurar que o tema da inclusão não se limite apenas a ser discutido no Dia Mundial de Conscientização do Autismo, mas que seja incorporado de forma contínua e eficaz em nosso sistema educacional.

O termo 'autismo' foi pela primeira vez cunhado em 1908 e, naquela época, foi usado para descrever um conjunto de sintomas associados à esquizofrenia em

pacientes observados por um psiquiatra. Desde então, nossa compreensão do autismo evoluiu significativamente. Atualmente, o autismo é reconhecido como um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por diferenças nas habilidades sociais, de comunicação e comportamentais.

Alguns anos atrás, as alterações na linguagem observadas em indivíduos autistas eram frequentemente vistas apenas como uma característica do transtorno. No entanto, nos dias de hoje, essas questões são reconhecidas como um dos principais desafios enfrentados por pessoas com o transtorno. A compreensão aprimorada das dificuldades de linguagem no autismo destaca a importância de abordar e apoiar essa área fundamental no desenvolvimento das pessoas afetadas pelo transtorno (KLIN, 2006).

Em 2013 houve uma alteração, criando a nova versão do DSM-5. Passou-se a mostrar que os transtornos estavam reunidos dentro do espectro do autismo em um só diagnóstico: TEA. A CID-10 trazia vários diagnósticos dentro dos Transtornos do Desenvolvimento sob o código F84, ou seja, Autismo Infantil, Autismo Atípico, Movimentos Estereotipados, Síndrome de Asperger (venha usar a palavra síndrome). A CID-11 reúne estes diagnósticos no TEA 6A02 e as subdivisões passaram a ser relacionadas a prejuízos na linguagem funcional e deficiência intelectual (COLLYER, 2022, p. 1).

Dada a importância do autismo, tanto para a vida das pessoas afetadas por ele quanto para aqueles ao seu redor, é essencial disseminar o conhecimento sobre esse transtorno. Sua prevalência e singularidade dentro do domínio da saúde mental tornam essa conscientização crucial para uma sociedade mais inclusiva e compreensiva.

Lamentavelmente, muitas pessoas ainda mantêm pensamentos ultrapassados e continuam presas a uma mentalidade de exclusão e rejeição quando se trata de crianças com autismo. Hoje em dia, infelizmente, ainda encontramos situações de preconceito que fazem com que essas crianças se sintam deslocadas e subestimadas na sociedade. No entanto, é importante reconhecer que os tempos mudaram, embora o preconceito ainda esteja profundamente enraizado e continue a influenciar as atitudes das crianças em relação à diversidade, resultando em ações discriminatórias que podem ter um impacto avassalador sobre o bem-estar dos outros."

As crianças no espectro do autismo frequentemente enfrentam a marginalização e a falta de compreensão. Pesquisas, leituras e perspectivas revelam o sofrimento silencioso que muitas vezes está enraizado em seus corações, sem que elas possam se expressar adequadamente. Essas crianças possuem uma profunda sensibilidade e, se os adultos lhes oferecessem mais oportunidades, poderiam revelar muitas das questões que enfrentam em seu dia a dia.

Embora as características individuais possam limitar sua capacidade de comunicação, cabe a nós, como sociedade, demonstrar empatia e buscar compreender o que essas crianças estão passando. Devemos ser mais abertos, criar ambientes que as estimulem e oferecer oportunidades de interações significativas que contribuam efetivamente para o seu desenvolvimento.

A escola desempenha um papel fundamental como uma instituição que deve promover o respeito à diversidade. Deve ser um espaço que não imponha padrões que levem a interpretações inadequadas. É essencial que as escolas abordem de maneira proativa questões que afetam a sociedade em sua totalidade. Nesse sentido, é fundamental que elas desenvolvam uma abordagem mais objetiva e consciente em relação a temas emergentes, especialmente aqueles relacionados à discriminação.

As escolas precisam assumir a responsabilidade de abordar as questões contemporâneas de forma eficaz, estimulando a reflexão coletiva e individual. Somente ao fazer isso, poderemos contribuir para uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

No mundo atual, temos diversas ferramentas para adquirir conhecimento e compartilhá-lo com as crianças, e a internet é uma fonte valiosa de informações que podem enriquecer o ambiente da sala de aula. Isso não apenas ajuda a prevenir situações de preconceito, mas também permite que os educadores tratem do assunto de forma contínua e proativa.

Os docentes não precisam esperar que o preconceito ocorra para abordá-lo. Eles têm a oportunidade de gerar debates e discussões sobre o tema, estabelecendo uma conversa positiva com as crianças diariamente. Essa

abordagem contínua contribui para uma educação mais inclusiva e prepara as crianças para enfrentar e compreender a diversidade que encontram na sociedade.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Nessa pesquisa utilizamos como principal estratégia para análise a etnografia, visto que ela possibilitou uma maior proximidade ao cotidiano das crianças com espectro no âmbito escolar. Portanto, foi possível observar como a inclusão é fundamental para o desenvolvimento dessas crianças. Para Corsaro (2005, p 445):

A etnografia é o método que os antropólogos mais empregam para estudar as culturas exóticas. Ela exige que os pesquisadores entrem e sejam aceitos na vida daqueles que estudam e dela participem. Neste sentido, por assim dizer, a etnografia envolve “tornar-se nativo”. Estou convicto de que as crianças têm suas próprias culturas e sempre quis participar delas e documentá-las. Para tanto, precisava entrar na vida cotidiana das crianças – ser uma delas tanto quanto podia.

Uma das principais características de uma pesquisa etnográfica é não se preocupar com a ação e sim com os detalhes que acontecem no dia a dia que permitem que a ação aconteça. Outro aspecto marcante desse modelo de pesquisa é a grande interação entre o pesquisador e objeto pesquisado, existindo uma relação marcante entre esses dois elementos.

A metodologia que permeia a pesquisa é de cunho qualitativo, pois se entende que está proporciona um contato maior com a realidade. A observação participante foi determinante nessa pesquisa, afinal, já estávamos integradas no grupo pesquisado. As crianças nos conheciam, se sentiam à vontade com a nossa presença, fazendo com que a nossa observação fosse menos invasiva.

Quando tivemos a oportunidade de contribuir nas atividades, aproveitamos esses momentos para nos envolver mais profundamente. Alguns deles eram crianças que ainda não dominavam a fala, outros agiam de maneira mais desafiadora, e alguns requerem um cuidado adicional em cada movimento. Era um momento de aprendizado e cuidado, pois as mesmas adoravam participar desses momentos. Moreira (2002, p. 52), afirma que a observação participante é considerada uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a

participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”.

Optamos por apenas observar o que estava ocorrendo ao nosso redor na escola onde estávamos realizando nosso estágio. Começamos a perceber que ainda existem lacunas significativas para que a inclusão seja verdadeiramente eficaz para as crianças no espectro do autismo. Cada criança apresenta suas particularidades e necessita de cuidados que estimulem seu desenvolvimento cognitivo. A partir disso, reunimos informações relevantes e elaboramos uma pesquisa mais embasada em fontes bibliográficas, integrando dados com as experiências que vivenciamos.

3.1 ANÁLISE DE DADOS

A realização deste trabalho foi viabilizada graças às nossas observações diretas das crianças durante as aulas. Pudemos examinar de perto o nível de envolvimento delas nas atividades lúdicas e específicas, o que nos proporcionou uma visão mais aprofundada sobre a forma como as crianças no espectro do autismo são realmente integradas na sala de aula.

Através dessas observações, fomos capazes de identificar as medidas necessárias para garantir uma participação mais efetiva dessas crianças nas aulas, buscando maneiras de tornar seu envolvimento mais significativo.

O aspecto mais intrigante foi a observação das aulas em que a professora utilizava estratégias que envolviam ativamente as crianças no espectro do autismo, em comparação com as aulas em que esses recursos não eram empregados. Era evidente o desapontamento das crianças quando as estratégias não eram usadas, e acreditamos que isso não apenas afetava o desempenho da aula, mas também a capacidade das crianças de manter a atenção e o foco.

Mesmo com suas vulnerabilidades, as crianças demonstravam um forte desejo de se sentirem parte dos pequenos momentos que ocorriam na sala de aula. Era notável a mudança de comportamento das crianças ao longo desse processo.

4. AS POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA O AUTISMO

As políticas públicas são diretrizes, leis, regulamentos e ações estabelecidas pelo governo para abordar questões sociais, econômicas, de saúde, educação e outros aspectos que impactam a sociedade. No contexto do autismo, as políticas públicas são fundamentais e têm como objetivo garantir direitos, o suporte, apoio e inclusão para pessoas no espectro do autismo.

[...] as Políticas Públicas são a totalidade de ações, metas e planos que o governo (nacionais, estaduais ou municipais) traçam para alcançar o bem estar da sociedade e o interesse público. É certo que as ações que os dirigentes públicos (os governantes ou os tomadores de decisões) selecionam (suas prioridades) são aquelas que eles entendem serem as demandas ou expectativas da sociedade. (SEBRAE-MG, 2008, p.5)

Essas políticas têm como objetivo principal reduzir as disparidades, promover a inclusão e garantir que as pessoas com autismo tenham oportunidades equitativas para viver uma vida plena e participativa na sociedade. Ao estabelecer diretrizes e estratégias eficazes, essas políticas desempenham um papel fundamental na criação de um ambiente mais justo e inclusivo para todos, independentemente de estarem no espectro do autismo.

Algumas das principais áreas abordadas por essas políticas incluem: Acesso a Serviços de Saúde e Educação: Políticas que garantem acesso a serviços de saúde mental, terapias, intervenções educacionais e apoio especializado para indivíduos com autismo.

Intervenção Precoce: Programas e políticas que promovem a detecção e intervenção precoce para identificar e oferecer suporte às crianças com autismo desde cedo, visando maximizar seu desenvolvimento.

Treinamento e Educação para Profissionais: Iniciativas que oferecem treinamento e capacitação para profissionais de saúde, educação e assistência social para melhor compreender e atender às necessidades das pessoas com autismo. Inclusão e Acessibilidade: Políticas que visam garantir a inclusão e a acessibilidade em ambientes educacionais, de trabalho e na sociedade em geral para indivíduos com autismo.

Apoio à Família: Programas que oferecem apoio e orientação para famílias,

ajudando as a entender, aceitar e apoiar seus entes queridos com autismo. Legislação de Proteção e Direitos: Leis que protegem os direitos das pessoas com autismo, garantindo acesso igualitário a oportunidades e serviços.

No Brasil, a criação de políticas públicas voltadas para o acolhimento das pessoas com diagnóstico de autismo foi um processo que se desenvolveu tardiamente por várias razões. Até o início do século XXI, essa população encontrava atendimento principalmente em instituições filantrópicas, como a Associação Pestalozzi e a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), ou em organizações não governamentais. Muitas dessas instituições não governamentais foram fundadas por familiares de pessoas com autismo, o que revela a necessidade premente de serviços de apoio e assistência para essa comunidade (CAVALCANTE, 2003)

No Brasil, o desenvolvimento das políticas públicas voltadas para o autismo enfrentou atrasos significativos. Até o início do século XXI, a atenção às pessoas no espectro do autismo era em grande parte responsabilidade de instituições filantrópicas, como a Associação Pestalozzi e a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), ou de organizações não governamentais criadas por familiares de autistas.

Esse contexto reflete um cenário de escassez de recursos públicos e reconhecimento governamental em relação ao autismo. A ausência de políticas específicas para a saúde mental das crianças e adolescentes autistas restringia o acesso a serviços e recursos essenciais para o desenvolvimento e bem-estar dessa população.

Esse atraso na abordagem do autismo por meio de políticas públicas destacou a necessidade de reconhecimento e atenção governamental a essa condição, enquanto paralelamente, dois grupos distintos atuavam em direções semelhantes, mas de forma independente. De um lado, profissionais e gestores da Atenção Psicossocial, apoiados pela Reforma Psiquiátrica e vinculados às ações de saúde mental no Sistema Único de Saúde (SUS). Do outro, associações de pais e familiares de autistas, que, nos anos 80, em um período de recursos públicos limitados para atender essa população, começaram a desenvolver suas próprias

estratégias de assistência para seus filhos. A coexistência desses grupos e a independência de suas abordagens precisam ser contextualizadas para enriquecer o debate atual sobre as diretrizes das políticas para o autismo.

Ao observar o cenário de debates em torno das políticas públicas para o Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Brasil, pode parecer à primeira vista que as principais controvérsias se limitam a discordâncias teóricas e clínicas entre as partes envolvidas, relacionadas a diferentes abordagens terapêuticas e concepções do autismo. No entanto, uma análise mais aprofundada revela que existem áreas de convergência no debate que poderiam servir como base para aproximar e mediar as diferenças, buscando um consenso mínimo.

Os dados analisados sugerem que, embora as divergências epistemológicas desempenhem um papel importante nas discordâncias em relação às políticas públicas para o autismo, elas não devem ser consideradas o ponto central do debate. Essas diferenças podem ser relativizadas e aproximadas com base nas áreas em que já existe concordância.

Portanto, é viável argumentar que os elementos fundamentais para o conflito derivam principalmente do campo político envolvido. Nesse sentido, há espaço para uma abordagem mais pragmática e colaborativa na formulação de políticas públicas para o TEA, onde as partes envolvidas podem se concentrar em áreas de concordância, priorizando o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas no espectro do autismo.

5. NÍVEIS DE AUTISMO E TRATAMENTO

Os níveis de autismo conferem-se ao grau de impacto que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem na vida de uma pessoa. No princípio, o autismo era rotulado por diferentes diagnósticos isolados, como autismo clássico, síndrome de Asperger e transtorno invasivo do desenvolvimento não especificado. No momento atual, com a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), essas condições foram unificadas sob a designação de Transtorno do Espectro Autista (TEA), reconhecendo a ampla variação de

características e níveis de funcionalidade.

Após divulgar a prevalência total de autismo nos Estados Unidos (de 1 em 36, a maior já registrada naquele país), o CDC (Centro de Controle de Prevenção e Doenças, do governo dos EUA) divulgou um estudo — publicado nesta quarta (19.abr.2023), no Public. Health Reports — que aponta o número de pessoas com “autismo profundo” (ou autismo severo) que é de 26,7% dos autistas. Ou seja, mais de um em cada quatro autistas, tem a forma mais intensa do transtorno do espectro do autismo (TEA) — ou um em cada 135 pessoas em geral.

Os níveis de autismo são avaliados com base na intensidade de suporte necessário em três áreas principais:

Comunicação: Habilidades de linguagem verbal e não verbal. Interação social: Capacidade de interagir e se relacionar com outras pessoas. Comportamentos repetitivos ou restritivos: a presença ou ausência de padrões de comportamento repetitivos.

Os níveis de autismo podem variar de leve a grave, indicando a extensão dos desafios que uma pessoa pode enfrentar em cada uma dessas áreas. Não há uma escala rígida ou definitiva, mas avaliações clínicas e observações ajudam a determinar o nível de apoio necessário para uma pessoa com TEA.

As terapias desempenham um papel crucial no tratamento do autismo, pois visam ajudar a pessoa a desenvolver habilidades sociais, comportamentais, comunicativas e funcionais. Aqui está a importância das terapias no autismo: Desenvolvimento de Habilidades Sociais e Comunicativas: As terapias ajudam a pessoa com autismo a desenvolver e aprimorar habilidades de comunicação e interação social, que são áreas frequentemente afetadas no TEA. Ênfase em:

Melhoria do Comportamento: Terapias comportamentais, como ABA, visam diminuir comportamentos desafiadores e promover comportamentos mais adaptativos.

Apoio para o Desenvolvimento Pessoal: Essas terapias podem ajudar na melhoria das habilidades motoras, cognitivas e de autocuidado, melhorando a independência e a qualidade de vida.

Adaptação ao Ambiente: A terapia pode auxiliar na adaptação do indivíduo ao ambiente escolar, familiar e social, facilitando a inclusão e a participação. Suporte para a Família: As terapias frequentemente envolvem orientação e suporte para os

familiares, capacitando-os a entender e apoiar melhor a pessoa com autismo em seu desenvolvimento.

Intervenção Precoce: O início precoce das terapias pode ter um impacto significativo no desenvolvimento, permitindo melhores resultados em longo prazo. As terapias são essenciais para oferecer suporte contínuo e personalizado, ajudando a maximizar o potencial e a qualidade de vida das pessoas no espectro do autismo.

O tratamento do autismo é abrangente e geralmente personalizado para atender às necessidades individuais de uma pessoa no espectro do autismo. Alguns dos principais métodos de intervenção e tratamento incluem:

- **Terapias Comportamentais:** Análise do Comportamento Aplicada (ABA): Foco na melhoria de comportamentos sociais, acadêmicos e de vida diária.
- **TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e com Deficiência Relacionada à Comunicação):** Estratégias para desenvolver habilidades de organização e comunicação.
- **Terapia Ocupacional e Fisioterapia:** Ajudam a melhorar habilidades motoras e a lidar com questões sensoriais.
- **Fonoaudiologia:** Ajuda na melhoria da comunicação verbal e não verbal.
- **Intervenções Educacionais:** Escolas especializadas ou salas de aula inclusivas com suporte adicional para necessidades específicas.
- **Medicação:** Em alguns casos, podem ser prescritos medicamentos para controlar sintomas associados, como ansiedade, hiperatividade ou problemas de sono.
- **Apoio Psicológico e Familiar:** Orientação para a família e suporte emocional para o indivíduo com TEA e seus familiares.
- **Intervenção Precoce:** O tratamento intensivo desde tenra idade pode ajudar a melhorar o desenvolvimento e a aprendizagem.

A eficácia do tratamento do autismo varia de pessoa para pessoa, devido à natureza individualizada do Transtorno do Espectro Autista (TEA). É fundamental que o tratamento seja contínuo, flexível e abrangente, muitas vezes envolvendo uma equipe multidisciplinar de profissionais de saúde, educação e terapia para

oferecer suporte holístico ao indivíduo com autismo.

A intervenção precoce desempenha um papel vital, uma vez que pode maximizar o potencial de desenvolvimento da criança e melhorar os resultados a longo prazo. Além disso, o apoio contínuo, ao longo da vida, é essencial para ajudar o indivíduo a enfrentar desafios, desenvolver habilidades e melhorar sua qualidade de vida. Portanto, a abordagem para o manejo do autismo deve ser aberta, adaptável e sempre voltada para o bem-estar e o progresso da pessoa no espectro do autismo.

6. INCLUSÃO E TRANSFORMAÇÃO: OS EFEITOS NA VIDA DA CRIANÇA COM AUTISMO

Quando discutimos a importância dos estímulos no desenvolvimento, fica claro que um ambiente diversificado é altamente benéfico para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Além de reconhecer o direito de todas as crianças à educação inclusiva, devemos enfatizar que, do ponto de vista do desenvolvimento, a escola desempenha um papel vital.

A escola é um ambiente naturalmente rico em estímulos, o que é particularmente vantajoso para crianças com TEA. No entanto, é fundamental entender que não é apenas a quantidade de estímulos que importa, mas também a qualidade. A qualidade dos estímulos oferecidos no ambiente escolar desempenha um papel crucial no desenvolvimento das habilidades e potenciais das crianças com TEA. (SCHMIDT, 2013; CRUZ, 2014)

Do ponto de vista da saúde mental e do desenvolvimento psicológico, a frequência à escola proporciona benefícios significativos para a criança com autismo. Embora o objetivo primordial da escola seja a aprendizagem e a preparação da criança para participar da sociedade como um cidadão pleno de direitos, é fundamental compreender que a criança com autismo também obtém ganhos importantes em seu desenvolvimento psicológico por meio das interações escolares.

A oportunidade de experimentar e participar de relações sociais e interações

na escola é inestimável. Quanto mais cedo a criança autista começa a frequentar a escola, maiores são os benefícios para o seu desenvolvimento. A escola não apenas promove a aprendizagem, mas também contribui para o crescimento emocional e psicológico das crianças com autismo, oferecendo um ambiente rico em oportunidades de interação e socialização.

A participação da criança em contextos diversificados desempenha um papel fundamental no favorecimento de seu desenvolvimento. A escola é um ambiente saudavelmente desorganizado, caracterizado por sua falta de previsibilidade e constante mudança. Essa dinâmica desafiadora proporciona oportunidades valiosas para as crianças com autismo aprenderem a lidar com a imprevisibilidade e a diversidade do mundo.

O ambiente escolar oferece um espaço onde as surpresas são comuns, e isso é essencial para permitir que a criança com autismo experimente uma maior flexibilidade em suas ações e desenvolva habilidades para se adaptar a diferentes situações. Portanto, a escola desempenha um papel vital na promoção de um desenvolvimento saudável e diversificado para crianças com autismo.

A inclusão escolar não se limita apenas ao ambiente educacional; seus benefícios se estendem a diversos aspectos da vida, incluindo o convívio familiar e social. Ela desempenha um papel fundamental na vida da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ao influenciar positivamente a comunicação e a sociabilidade.

O ambiente inclusivo permite que o aluno interaja com pessoas diversas, aprenda coisas novas e participe de um ambiente mais plural. Isso se reflete em seu crescimento e desenvolvimento em muitos aspectos da vida cotidiana, tornando a inclusão educacional ainda mais importante na jornada de uma criança com TEA.

A inserção saudável na sociedade é essencial para o desenvolvimento pleno do ser humano, e a inclusão escolar desempenha um papel crucial nesse processo. A escola, por sua própria natureza saudavelmente desorganizada, oferece às crianças acesso a uma ampla gama de diversidade, enriquecendo suas experiências e proporcionando um ambiente propício ao crescimento e à compreensão.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da nossa pesquisa surgiu de um interesse genuíno, baseado nas observações feitas durante nossos estágios escolares. Após o impacto da pandemia de 2020, tornou-se evidente o aumento significativo dos casos de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a crescente necessidade de profissionais qualificados para avaliar e diagnosticar o TEA. Neste contexto, consideramos que as políticas públicas deveriam direcionar esforços para implementar ações sociais que incluam todas as comunidades, com ênfase nas mais carentes

Além disso, é crucial que haja uma fiscalização rigorosa em escolas para garantir que ofereçam atendimento exclusivo para avaliação e diagnóstico do TEA. Isso ocorre porque as consultas com especialistas do sistema de saúde público enfrentam alta demanda, o que dificulta o acesso e a obtenção de atendimento de qualidade. A criação de um suporte social que acompanhe a criança desde o diagnóstico até a vida adulta é fundamental para assegurar um desenvolvimento adequado e uma transição bem-sucedida para a idade adulta.

Através das observações das aulas das crianças, foi possível analisar os diferentes comportamentos delas quando tinham recursos e quando não tinha nas atividades, ficou claro que é necessário repensar em como os recursos inclusivos podem estar mais presentes dentro do conteúdo.

A inclusão educacional desempenha um papel fundamental ao proporcionar um ambiente diversificado para alunos com autismo ou deficiência. Ela abre portas para um mundo de possibilidades e é notável o impacto positivo que a inclusão tem na vida desses alunos.

Concluimos este estudo cientes de que é apenas o início de um extenso campo de investigação. Não temos a pretensão de esgotar o assunto em poucas linhas, pois a complexidade do tema requer uma análise mais aprofundada. Há muitas lacunas a serem exploradas no que diz respeito ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas, igualmente significativas, são as lacunas na formação dos educadores para atender a esses alunos e promover o pleno desenvolvimento de

cada um deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, L. R. **Políticas públicas para inclusão de crianças com transtorno do espectro autista no sistema educacional.** Disponível em: <<https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/3828>>. Acesso em: 5 nov. 2023.

CDC. **Autism Spectrum Disorder (ASD) | CDC.** Disponível em: <<https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/index.htm>>

CAVALCANTE, F.G. **Pessoas muito especiais: a construção social do portador de deficiência e a reinvenção da família.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.432 p.

COLLYER, R. **CID-11: O que mudou referente ao autismo?** Publicado em: 06/01/2022. Disponível em: <<https://observatoriodoautista.com.br>>. Acesso em: mar 2022

Conhecendo o Autismo: Sua origem, história e características. Disponível em: <<https://blog.cenatcursos.com.br/conhecendo-o-autismo-sua-origem-historia-e>>. Acesso em: 5 nov. 2023.

CORSARO, Willian. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação dos estudos etnográficos com crianças.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91,p. 443-463, Maio/agosto. 2005. Disponível em < www.cedes.unicamp.br >

KLIN, A. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral.** Braz. J. Psychiatry 28 (supl 1). Maio 2006. Disponível em: scielo.br. Acesso em: jul 2021.

O cérebro autista: pensando através do espectro. Ed. Record,2015

O que é PNE? Plano Nacional de Educação. Disponível em: <<https://sae.digital/pne-plano-nacional-de-educacao/>>!

PLEITSCH, Márcia Denise; LIMA, Marcela Francis Costa. **A inclusão escolar de alunos com autismo: um olhar sobre a mediação pedagógica.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INCLUSÃO ESCOLAR: PRÁTICAS EM DIÁLOGO, 1., 2014. Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: UERJ, 2014. Disponível em: http://www.cap.uerj.br/site/images/stories/noticias/4-Pletsch_e_Lima.pdf. Acesso em: 22 ago. 2020.

POLÍTICA E EDUCAÇÃO. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/politica_educaca

[o.pdf](#)>.

REVISTA EDUCAÇÃO PÚBLICA. **Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista**. Disponível em:
<<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>>.

SCHMIDT, Carlo. **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. In: SCHMIDT, C (org.) **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papyrus, 2013. **Sistemas de ensino e políticas educacionais no Brasil**. Cordioli Marcos. Ed. Ibpex dialógica, 2016.